

Série Vaga-Lume



A GRANDE VIRADA

Raul Drewnick

Ilustrações
Célia Kofuji



editora ática

A grande virada
© Raul Drewnick, 1999

Editor	Fernando Paixão
Editora assistente	Carmen Lucia Campos
Preparadora	Maria Cecília Garcia
Coordenadoras de revisão	Sandra Brazil
	Ivany Picasso Batista
Revisora	Cátia de Almeida

ARTE	
Editor	Marcello Araujo
Editora assistente	Suzana Laub
Editoração eletrônica	Zin Pan

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D832g

Drewnick, Raul, 1983-
A grande virada / Raul Drewnick ; ilustrações Célia Kofuji. -
1.ed. - São Paulo : Ática, 1999.
142p. : il. - (Vaga-Lume)

Contém suplemento de leitura
ISBN 978-85-08-07358-0

I. Novela infantojuvenil brasileira. I. Kofuji, Célia, 1961. II.
Titulo. III. Série.

10-5219. CDD 028.5
CDU 087.5

ISBN 978 85 08 07358-0 (aluno)
ISBN 978 85 08 07359-7 (professor)

2013
1ª edição
16ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Virando o jogo

Valéria é uma garota que como muitos outros jovens enfrenta problemas de relacionamento com os pais: ela nem sempre se sente compreendida e amada por eles. Mas, se a vida em família não vai lá muito bem, duas coisas lhe dão muito prazer: jogar futebol e estar com seus amigos inseparáveis, Roseli e Rodrigo.

Só que de repente parece que tudo começa a virar de cabeça para baixo...

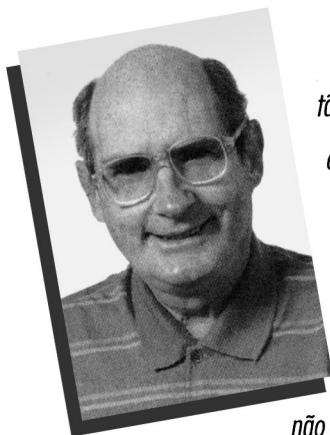
A curiosidade de experimentar novas sensações, um cigarri-
nho diferente e o controle fugiu de suas mãos.

Valéria vai precisar de muita garra e determinação para virar o jogo. O adversário não é fácil, não...

Prepare-se para se emocionar com os lances de uma jogadora em busca da vitória na partida que vai decidir o seu destino.

Conhecendo

Raul Drewnick



Raul Drewnick adora futebol. E essa paixão é tão forte que ele brinca: “Se eu for a um psicanalista, ele vai dizer que o meu problema é que sou um fute-maníaco, um futemaluco, um futefanático”.

Desde a sua estreia na Vaga-Lume em 1994, ele vinha planejando escrever um livro no qual essa paixão desempenhasse um papel decisivo. “Mas não queria que fosse só uma história de grandes jogadas, dribles e gols”, confessa.

Finalmente, Raul conseguiu realizar o seu projeto. Aqui ele prova que o futebol, além de saudável, pode ser estimulante e salvador. Uma garota tenta escapar da boca do dragão, tendo como aliados sua força de vontade, a ajuda da mãe e seu amor pelo esporte.

Sumário

1. <i>A alegria são dois pacotinhos</i>	7
2. <i>A esperança está nas cestas</i>	9
3. <i>Já para casa, Valéria</i>	12
4. <i>Alfinetadas de mãe</i>	15
5. <i>Santa Vera</i>	18
6. <i>Vida longa para Henrique</i>	22
7. <i>Um doido na chuva</i>	25
8. <i>Um pacote debaixo do banco</i>	28
9. <i>Tudo mal, mas tudo bem</i>	31
10. <i>Pisa fundo, motorista</i>	34
11. <i>A cigana estava certa</i>	36
12. <i>Também estou nessa</i>	40
13. <i>Roleta paulista</i>	43
14. <i>Um cadáver depois da curva</i>	46
15. <i>Agora, só nós duas</i>	50
16. <i>Meu nome é Almeida</i>	52
17. <i>O beijo da traição</i>	57
18. <i>Eu te amo, Val</i>	61
19. <i>Jogando nas duas</i>	63
20. <i>A última viagem</i>	64

21. <i>Em que mundo você está?</i>	68
22. <i>Onde está aquele maluco?</i>	70
23. <i>Eu não acredito</i>	72
24. <i>Na favela, atrás de Tiãozinho</i>	74
25. <i>Se pintar sujeira, vocês dançam</i>	78
26. <i>A sombra da desconfiança</i>	81
27. <i>Usuárias ou traficantes?</i>	84
28. <i>De quem é a culpa?</i>	88
29. <i>Socorro, doutora Ninon</i>	92
30. <i>Pisando na bola</i>	94
31. <i>Faça a coisa certa</i>	97
32. <i>Tudo para virar o jogo</i>	99
33. <i>Sanduíche, pipoca e sorvete</i>	103
34. <i>Os primeiros lances</i>	106
35. <i>Mãe, vou aparecer na tevê</i>	109
36. <i>Uma estrela em dois tempos</i>	112
37. <i>Você aqui?</i>	116
38. <i>Socos, pancadas e pontapés</i>	120
39. <i>A hora da verdade</i>	125
40. <i>Não. Isto de novo, não</i>	127
41. <i>Farinha nela</i>	130
42. <i>O segundo aviso</i>	133
43. <i>Alguém que eu amo</i>	135

1 **A alegria são dois pacotinhos**

Era 20 de dezembro. Depois de uma tarde de calor abafado, nuvens carregadas começaram a cercar a cidade. De vez em quando, um relâmpago se desenhava no céu. E um vento nervoso se pôs a sacudir os toldos das lojinhas de tecidos, dos bares e das farmácias.

Esforzando-se para andar rápido, Henrique, um homem baixo, gordinho e meio calvo, passou o lenço na testa e desabafou:

— Mais quente do que isto, só no inferno!

Desaparecendo atrás dos prédios, o sol foi substituído por uma noite pesada e mormacenta. Nas ruas principais, onde uma multidão se espremia, as grandes lojas acenderam as luzes e seus artigos reluziram nas vitrines, como se cada um deles fosse a maior das maravilhas.

Com a segunda parcela do décimo terceiro salário depositada no banco, os compradores invadiam tudo, olhavam, pegavam, apalpavam, avaliavam as mercadorias. Os vendedores corriam de um canto para o outro. No meio da confusão, ouviam-se pragas, palavrões e às vezes o apelo desesperado de alguma balconista novata.

— Ai, meu Deus do céu, me ajude!

Henrique entrou numa loja e, com safanões, cotoveladas e empurrões, conseguiu chegar até o balcão de bijuterias.

— Moça, moça — ele chamou, erguendo o braço e tentando atrair a atenção de uma das duas balconistas que, encharcadas de suor, olhavam aflitas para mais dez ou doze braços levantados.



— Moça, moça — ele ficou insistindo, até ser atendido. — Eu quero dois pares de brincos daqueles ali.

— Estes?

— Não. Aqueles lá. Os de letras.

— Estes, de iniciais?

— É.

— Que letras o senhor quer?

— Letra vê.

— Os dois pares?

— É — disse ele, imaginando o que Vera e Valéria iriam achar do presente. Não confiava muito no seu bom gosto.

Ao sair da loja, essa dúvida o atormentou por um momento. Mas logo ele recuperou o bom humor e, procurando ultrapassar as pessoas que, carregadas de pacotes, obstruíam o seu caminho, começou a assobiar. A canção pertencia ao seu tempo de menino e era assim que ele se sentia: um menino que tinha entrado em um

jogo difícil e vencido todos os adversários. Levava para casa dois troféus e muita fome.

Acelerando o passo, ele recapitulou o seu dia.

2 ***A esperança está nas cestas***

Depois de uma manhã muito atarefada, Henrique tinha ido almoçar ao meio-dia, num barzinho perto do emprego, e vinte minutos mais tarde já estava de novo pondo champanhe, panetone, figos secos, uvas-passas, tâmaras, castanhas e nozes dentro de cestas de Natal que naquele ano estavam enchendo de alegria seu Almeida, o dono da pequena empresa em que Henrique trabalhava.

— Que loucura! Vocês viram? Chegou um pedido hoje! Hoje, 20 de dezembro! Eu até brinquei com o cliente. Perguntei se ele queria as cestas para o Natal ou para o Carnaval. Nunca vendemos tanto! — comemorava seu Almeida, saltitando como se fosse um garotinho, estimulando Henrique e Atílio, o outro preparador de cestas, a apressar o trabalho.

Ao se lembrar da cena, Henrique sorriu. Seu Almeida era um bom homem. Tinha sentido isso desde a primeira vez, oito meses antes.

Naquele primeiro dia de Henrique na empresa, seu Almeida, depois de lhe mostrar que havia cestas de três

tipos — a Extra, a Média e a Padrão, cada uma com seu preço e seus produtos — e de recomendar que caprichasse na arrumação de todas, tinha lhe dado umas palmadinhas nas costas e prometido:

— Você vai ficar muito tempo aqui com a gente. No ano que vem, nós vamos arrasar. Eu estou estudando o lançamento de uma linha de cestas para o café da manhã. Para a Páscoa, vou lançar outra linha e, em junho, vamos vender cestas para o Dia dos Namorados. Com o lucro das vendas no Natal, eu vou poder anunciar nos grandes jornais. E aí ninguém vai segurar mais a Cestas Almeida.

Apalpando carinhosamente os dois pacotinhos, Henrique sorriu ao recordar que, quando tinha conseguido o emprego com seu Almeida, já estava quase sem esperança. Seu dinheiro no banco era suficiente só para não fecharem a conta e, pela primeira vez nos seus quarenta e três anos de vida, havia pedido um empréstimo, para pagar o aluguel do apartamento.

O prédio em que morava, o mais antigo do bairro, tinha só quatro andares, cada um com três apartamentos. Parecia mais um sobradão. Todo esfolado por dentro e por fora, não via pintura fazia mais de dez anos. Estava reduzido ao zelador e a mais dois empregados que se revezavam na limpeza e nos outros serviços.

Os dois encarregados da segurança haviam sido despedidos, com a desculpa de que nenhum ladrão acharia possível encontrar alguma coisa de valor ali. Com essa dispensa, a taxa de condomínio tinha caído um pouco. Mas essa era só uma das despesas da casa. A mulher de Henrique, Vera, não conseguia pagá-las com seu trabalho como atendente de um consultório médico.

E a falta de dinheiro não era o único problema de Henrique e Vera. Outra grande preocupação era Valéria,

a filha, que tinha quinze anos e andava rebelde demais para o gosto deles. O que estava acontecendo? Vera não estava se entendendo com ela. Henrique também não. Ele costumava se zangar porque, quando perguntava o que ela pretendia ser, a resposta era:

— Sei lá.

Henrique repetia a pergunta, e a resposta não mudava muito:

— Qualquer coisa, pai.

E, quando ele insistia, ouvia isto:

— Quero ser jogadora de futebol, pai. Você e a mãe sabem disso faz tempo, não sabem? Então, por que vivem perguntando?

Henrique e Vera sabiam que no colégio a filha era considerada uma ótima jogadora, mas achavam que, quando ela falava em transformar o futebol em profissão, fazia aquilo para irritar os dois.

Lidar com ela era uma dificuldade para Henrique. Às vezes ele imaginava que, se Valéria fosse um garoto, talvez suas relações com ela se tornassem mais simples. O pior era que Vera também não vinha tendo sucesso no diálogo com a filha. Seu trabalho no consultório não lhe deixava muito tempo para cuidar de Valéria, que fazia questão de reclamar sempre. Dizia ser uma abandonada. Mas, se a mãe lhe dava mais atenção, ela se irritava e se queixava de estar sendo sufocada.

— Droga, eu preciso conversar mais com você — exclamou Henrique, como se a filha estivesse ali. — E quer saber de uma coisa? Se você quer ser jogadora de futebol, eu vou dar o maior apoio.

Um office boy que passava riu e comentou com outro:

— Viu só aquele doido falando sozinho?

Já perto do ponto do ônibus, olhando para o céu riscado de relâmpagos, Henrique prometeu a si mesmo

que a partir daquele dia ia ser um pai de verdade para Valéria. E apertou de novo com amor os dois pacotinhos que levava.



Sorrindo, engoliu uma gota de chuva soprada pelo vento em seu rosto. Estava feliz, ah, como estava. Passou-lhe pela cabeça uma ideia generosa. Queria que todos os homens do mundo se sentissem como ele, naquele momento. Era bom ter uma família.

3 *Já para casa, Valéria*

Os primeiros relâmpagos fizeram Valéria olhar para o relógio. Estava no shopping, a cinco quarteirões de sua casa, e chegar molhada não era uma boa ideia. Já estava atrasada e ia levar um sermão por esse pecado. Para que piorar a situação? Ouvir a mãe explicar de novo, com aquele jeitão dramático, que uma gripe podia até matar, ia ser dose para elefante.

— Vamos embora, turma — ela sugeriu a Rodrigo e Roseli, seus amigos.

— Embora? Nós acabamos de chegar — protestou Rodrigo.

— É. Pra que tanta pressa? — perguntou Roseli. — Se a sua mãe engrossar, é só você dizer que estava com a gente.

Valéria sorriu.

— Esse é que é o problema. Vocês sabem como ela gosta de vocês...

— Dona Vera ama a gente — disse Rodrigo, arrancando uma gargalhada de Roseli.

— Ai, meu Deus, minha filhinha deve estar com aquelas más companhias — brincou Roseli, imitando a voz da mãe de Valéria. — Deste jeito, qual será o futuro dela? Não, jogadora de futebol nunca. Eu morreria. Oh!

Valéria riu. A imitação não tinha sido uma maravilha, mas ali estavam duas das coisas que ela detestava na mãe: o péssimo hábito de considerar os amigos dela uns pré-delinquentes e a pressão para que ela se tornasse uma pessoa importante, de preferência médica ou professora universitária.

Quando a mãe ia parar de pensar e de viver por ela? De querer que fosse o que ela não tinha conseguido ser quando jovem?

Por que, com toda aquela mania de grandeza, tinha se casado com um homem comum? Se queria continuar dando aquela de sargentona, seria bom arranjar outra vítima, porque estava farta das cobranças: de horários, de tarefas, de relatórios sobre o que tinha feito na escola, de tudo.

Para evitar mais cobranças, a garota começou a correr para escapar da chuva que se anunciava. Chuva era gripe! Gripe podia ser morte! Só mesmo na cabeça da



— *Ai, meu Deus, minha filhinha deve estar com aquelas más companhias*
— *Roseli imitou a voz de Vera, arrancando gargalhadas de Rodrigo e Valéria.*